

MÉTODOS E TÉCNICAS: Os Desafios do Ensino Superior

Angelita Lima Dantas¹
Uérlei Magalhães de Morais²

Resumo: A educação de ensino superior não foge as regras do ensino/aprendizagem, partindo desse contexto, elaborou-se o presente artigo com o enfoque nos entraves da leitura científica e a importância do uso das técnicas e métodos no processo de ensino aprendizagem. A análise foi feita por meio de estudo bibliográfico sobre o tema. Para melhor entendermos o tema escolhido, dividiu-se a pesquisa em três partes. Na primeira há uma introdução sobre o tema, evidenciando os desafios da leitura científica. No segundo momento destacamos os impactos da ausência de leitura no ensino superior. Em seguida, abordou-se a relevância do Projeto de leitura para adultos, como método de aprendizagem para docência de nível superior. As considerações finais enfatizaram observações relevantes e significativas relacionadas à temática central do trabalho.

Palavras-Chave: Leitura Científica. Método. Andragogia.

Abstract: Higher education education does not escape the rules of teaching / learning, starting from this context, this article was elaborated focusing on the obstacles of scientific reading and the importance of the use of techniques and methods in the process of teaching learning. The analysis was done through a bibliographic study on the subject. To better understand the chosen theme, the research was divided into three parts. In the first there is an introduction on the subject, highlighting the challenges of scientific reading. In the second moment we highlight the impacts of the absence of reading in higher education. Next, the relevance of the Reading Project for adults as a method of learning for higher level teaching was discussed. The final considerations emphasized relevant and significant observations related to the central theme of the work.

Keywords: Scientific Reading. Method. Andragogy.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento das instituições de ensino superior está diretamente relacionado as transformações sociais. Essas transformações modificam os padrões das universidades, transformam-se como dinâmica social.

Os desafios dos modelos andragógicos atuais na medida em que se identificam entraves no processo ensino-aprendizagem em relação à redação e à leitura científica, além

¹ Mestre em Educação

das limitações que a própria idade pode trazer como no caso de redução da capacidade de memorização que ocorre em algumas pessoas com o passar da idade.

Descobrir a ciência por meio do incentivo da leitura deve ser uma diretriz permanente capaz de fomentar o interesse do público estudantil andragógico a abrir-se aos novos horizontes de conhecimento, superando as questões teórico-estruturalistas e pós-estruturalistas, conforme se trabalha no item dois da pesquisa.

Trata-se da discussão da leitura, enquanto instrumento de empoderamento e participação social, sob a perspectiva da teoria da representação social, na medida em que o indivíduo pode começar a dar significação à sua própria história, superando suas eventuais limitações e dotado dessa “força de cultura”, seja capaz de aprender e apreender o conhecimento tanto científico, quanto do senso comum.

É por meio dessa correlação entre leitura, e processos de ensino (andragógicos), que se descobre como os cientistas pensam e reproduzem ideias, teorizando e calculando previsões sobre os fenômenos estudados.

Os Desafios dos Modelos Andragógicos Atuais: entraves ao processo ensino-aprendizagem em relação à leitura científica

Em uma sociedade é natural o processo de aprendizagem e de comunicação. É por meio da comunicação escrita que se compreende a história da humanidade deixada por aqueles que tinham acesso à leitura e à escrita.

O processo de aquisição da leitura e da escrita por vezes apresenta dificuldades que se referem a um “grupo heterogêneo de desordens manifestada por dificuldades significativas na aquisição e utilização” da compreensão auditiva, da fala, da leitura, bem como da “escrita e do raciocínio matemático” (OLIVEIRA, 2017).

Maria Filomena Silvolella, em sua participação no projeto “A vez do mestre”, da Universidade Cândido Mendes, escreve sobre a complexidade da leitura:

A Leitura, em qualquer língua, é um processo de comunicação complexo no qual a mente do leitor interage com o texto numa dada situação. Além do mais, durante o processo de leitura, o leitor constrói uma representação significativa do assunto, através da interação de seu conhecimento conceitual e linguístico com pistas existentes no texto. A complexidade dessa habilidade está na não interação do leitor com outros, apenas com o autor do texto. É uma atividade solitária que requer que o leitor tenha mecanismos próprios em busca do significado (SILVOLELLA, 2005, p. 20).

Ensinar a leitura e incentivar novos leitores é uma tarefa recompensadora mas tem diversos entraves. A transposição didática frequentemente enfrenta desafios decorrentes da situação sociocultural dos alunos. É preciso lançar mão de todos os recursos disponíveis para ensinar, aprender e avaliar; as expectativas não só do aluno leitor, mas da família e da comunidade de forma que ele se torne preparado para também atender as demandas da sociedade e promover o bem comum.

Para fazer a transposição didática, é preciso levar em conta os objetivos e os valores educativos da escola; a idade e a situação sociocultural dos alunos; os recursos disponíveis para ensinar, aprender e avaliar; as expectativas da família e da comunidade; as demandas da sociedade, aí incluídos o exercício da cidadania e o mundo do trabalho; o universo cognitivo e afetivo dos alunos; e os desafios que eles enfrentam para se desenvolver [...] Os professores não controlam a transposição e passam a um processo de mediação didática, para acolher às exigências do próprio sistema didático que atende, conseqüentemente (sic), ao contexto social ao qual se insere. A proposta pedagógica entra em ação, portanto, pela transposição didática (GUIMARÃES, 2007, pp. 60-61).

O processo de ensino-aprendizagem leva em consideração o ambiente externo em que vive o aprendiz. Um adequado conhecimento sobre as expectativas de vida, os sentimentos, os sofrimentos, rotinas e interações familiares influem nesse desenvolvimento.

O modo como as pessoas leem são diferentes. Enquanto aqueles que estão mais acostumados com o exercício da leitura enxergam o texto como “um todo, por meio do processo *top-down*”, os que não adquiriram essa facilidade ainda tendem a ler palavras de maneira isolada (*bottom-up*).

Os leitores menos proficientes geralmente utilizam a maneira de leitura *bottom-up*, por dirigirem sua atenção para palavras isoladas e sentenças e recorrerem a estratégias que refletem sua própria competência linguística. Os leitores mais proficientes, por outro lado, tendem a vislumbrar o texto como um todo, por meio do processo *top-down*. Além disso, dependendo do tipo de texto, os leitores mais jovens e/ou menos proficientes, tendem a se limitar nas próprias intenções, enquanto os mais velhos e/ou mais experientes geralmente focam na intenção do autor ou do texto. Soares (2005) conclui que é importante identificar as estratégias usadas pelos estudantes e o tipo de intenção que buscam no texto a fim de ajudá-los a chegar à compreensão (MATRINS NETO, 2015, p. 21).

Diversos fatores podem colaborar para gerar um ambiente de dificuldade pedagógica que interfira no processo de aquisição da leitura e da escrita como por exemplo a falta de reciclagem, ou seja, a constante capacitação dos docentes, no sentido de promover uma

mediação adequada, que promova estímulos nos diversos contextos sociais formais e não formais para a capacitação de alunos leitores competentes (OLIVEIRA, 2017).

Shimazaki (2006) afirma que a simples permanência de alunos na escola não garante que automaticamente eles sejam incluídos no processo de conhecimento que seria oferecido um estabelecimento de ensino. Segundo a autora, interferem nas dificuldades de aprendizagem, os fatores extraescolares e intraescolares, por exemplo, os currículos obsoletos a falta de motivação e fatores socioeconômicos e culturais.

O método tradicional de pergunta-resposta também não é suficiente para possibilitar toda compreensão e domínio daquilo que está transmitido no código escrito.

Para Martins Neto (2015, pp. 24-25), no entanto, antes de ser o sistema pergunta/resposta, uma estratégia de leitura refere-se em sua opinião a avaliação de compreensão, ou seja, avalia o entendimento do texto o resultado, mas que não intervém no processo de condução a esse resultado.

Dessa maneira, novas formas de ensino devem ser criadas para possibilitar a interação entre os agentes comunicantes entre si e favorecer a prática

O impacto da ausência de leitura científica no ensino superior

O impacto da ausência de leitura científica no ensino superior decorre de muitos fatores, entre eles, o analfabetismo funcional. Na maioria dos casos essa deficiência projeta-se para a idade adulta.

Há pessoas que não conseguem realizar atividades simples, pessoas que se dizem alfabetizadas, mas na verdade é analfabeto funcional, incapacitado para desenvolverem algumas funções que exigem raciocínio lógico, fato intolerável pelos padrões de necessidades sociais neste novo século.

O conceito de alfabetismo/analfabetismo funcional é relativo, uma vez que depende das demandas de leitura e escrita colocadas pela sociedade. A ênfase nas demandas de natureza econômica, especialmente aos ditames do mercado de trabalho, é uma característica que ainda se pode identificar na fundamentação dos estudos mais atuais de grande influência. Isso não justifica, entretanto, que o enfoque do alfabetismo enquanto competência funcional seja necessariamente limitada a uma perspectiva pragmatista ou economicista.

Paulo Freire visualiza a alfabetização como um ato de conhecimento e um ato criador:

Seria impossível engajar-se num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse enchendo com suas palavras as cabeças supostamente vazias dos alfabetizados. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito [...] Como eu, o analfabeto é capaz de sentir a caneta [...] A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. [...]. Aí tem [o alfabetizando] um momento de sua tarefa criadora (FREIRE, 1981).

Alfabetizar é mais que ensinar a associar sons e letras para produzir ou interpretar palavras ou frases. Uma pessoa alfabetizada não é necessariamente uma pessoa letrada. Alfabetizar não é apenas ensinar a ler e escrever por meio de um método, e sim formar alunos críticos e capazes de interagir na sociedade, propiciar aos alunos caminhos para que eles aprendam, de forma consciente e consistente, os mecanismos de apropriação de conhecimentos.

Dessa forma ao invés de desconsiderar a competência que cada um traz quando vem para a escola, tarefa primordial do professor das primeiras letras deve ser o incentivo à união dos interesses em torno do ver, ouvir, falar. Ver leitura e a escrita como superiores à fala e à capacidade de observação direta por meio da visão e da audição.

Ensinar a ler determinados textos e a escrever, copiando, certas palavras e certas frases, não é tarefa das mais difíceis. No entanto também não é nem proveitosa nem compensatória, valendo mais como prova de adestramento do que de assimilação.

A alfabetização exige constante aprimoramento, sem o qual se instala o risco do analfabetismo funcional.

Há um índice de criado para medir o analfabetismo funcional, o qual é chamado de Indicador de Alfabetismo Funcional – INAF. Este índice foi desenvolvido para verificar os níveis de alfabetismo funcional nos adultos escolarizados, cujo objetivo é averiguar as habilidades e práticas de leitura, escrita e matemática de brasileiros que estejam entre 15 e 64 anos de idade. Desta feita, deste o ano de 2001 o INAF vem pesquisando a capacidade de leitura, escrita e cálculo da população brasileira.

A instituição classificou os diversos níveis do analfabetismo:

Nível 1 - Alfabetismo nível rudimentar: corresponde à capacidade de localizar informações explícitas em textos muito curtos, cuja configuração auxilia o reconhecimento do conteúdo solicitado. Por exemplo, identificar o título de uma revista ou, em um anúncio,

localizar a data em que se inicia uma campanha de vacinação ou a idade a partir da qual a vacina pode ser tomada;

Nível 2 - Alfabetismo nível básico: corresponde à capacidade de localizar informações em textos curtos (por exemplo, em uma carta reclamando de um defeito em uma geladeira comprada, identificar o defeito apresentado; localizar informações em textos de extensão média); e

Nível 3 - Alfabetismo nível pleno: corresponde à capacidade de ler textos longos, orientando-se por subtítulos, localizando mais de uma informação, de acordo com condições estabelecidas, relacionando partes de um texto, comparando dois textos, realizando inferências e sínteses (INAF- Indicador de Alfabetismo Funcional, 2011).

Segundo Shimazaki “grande parte dos alunos que estudam na segunda e terceira séries do ensino básico não elaboram a leitura e a escrita” essa deficiência é replicada ao longo do tempo, até a terceira idade, caso não haja um programa de recursos ou de adequação para uma boa continuidade do aprendizado (2006).

Lúria (1998 p. 146) afirma que a escrita se caracteriza pela utilização funcional de “linhas, pontos e outros signos para recordar e transmitir ideias e conceitos”.

A simples inserção desses alunos no sistema e a possibilidade de uma alfabetização básica não garantem bom desempenho, nem permitem melhorar sua qualidade de vida, seja no âmbito pessoal, social ou profissional. Considerar a diversidade e todas as suas nuances é o primeiro passo para estruturar uma proposta mais efetiva para esse segmento e, nessa perspectiva, o ofício docente comporta em si um escopo de responsabilidades pouco discutidas (PETROSINO, 2016, p. 1).

Para um adequado uso de leitura e de escrita é preciso habilidades visuais auditivas, motoras de orientação espacial, de concentração, de domínio da linguagem oral, da capacidade de produzir rimas e proceder a cópias de modelos textuais, entre outras habilidades. Para aqueles que tem maior dificuldade na aprendizagem de parte dessas competências, podem ser adotadas medidas mitigadoras que podem auxiliar a reequilibrar esse processo (déficit de aprendizagem).

Na Educação Básica existe a chamada sala de recursos onde há um espaço para que crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem possam trabalhar de forma individualizada as suas deficiências e promover a melhoria de recursos individuais de leitura e escrita. Essa experiência pode ser adotada de forma discreta para o público adulto a fim de que ocorra um nivelamento natural com a intensidade da prática leitora e adoção de

metodologias ativas que incentivem o aluno a aprender para transmitir. Muitos entraves ao aprendizado poderiam ser sanados com essa simples medida.

A construção de um referencial histórico sobre a atividade de escrita é desenvolvido a partir dos estudos de Vygotsky, que concluiu em suas pesquisas que a aquisição da linguagem é um fator tanto histórico quanto social que foca a interação e a informação linguística como ferramentas de construção do conhecimento (cf. VYGOTSKY, 2001; 2003).

Nessa teoria o papel do professor é o de mediador facilitador da integração dos alunos por meio de um processo dialógico. Entre suas recomendações estão a conversão de letras em elementos presentes na vida de crianças para que se viabilize uma compreensão interna da língua escrita com tal interação cotidiana.

Quanto aos adultos, escrevem Torquato, Massi e Santana, com base nos ensinamentos de Neri que cerca de

49% da população idosa brasileira é considerada analfabeta funcional. Sendo que, desse total, 23% dos pesquisados declaram não saber ler e escrever, 4% deles afirmam só saber ler e escrever o próprio nome e 22% dos idosos consideram a leitura e a escrita atividades penosas, seja por deficiência no aprendizado, problemas de saúde, ou ambos os motivos [...] uma parcela significativa da população idosa permanece à margem da sociedade grafocêntrica atual, confirmando a necessidade de implantação de políticas públicas que contemplem atividades de letramento junto a tal população. Nesse sentido, cabe destacar o papel que profissionais da saúde e da educação podem desempenhar nesse cenário, formulando propostas capazes de promover um envelhecimento saudável a partir do desenvolvimento de práticas de letramento capazes de inserir o sujeito idoso na sociedade atual (TORQUATO, MASSI E SANTANA, 2011).

O total de analfabetos funcionais no Brasil é enorme. O Brasil está entre os primeiros lugares nos rankings de adultos analfabetos no mundo.

O letramento é uma consequência da ação de ensinar e de aprender práticas sociais de leitura e da escrita. Consiste em um status de aquisição por um grupo social ou um indivíduo da escrita e de suas práticas sociais.

O professor que atua no processo de alfabetização precisa estar atento para que a leitura não se torne um processo automático de decifração de códigos sem sentido.

O professor deve estar atento ao conceito de alfabetização e à natureza e condicionantes desse processo, três enxergando o porquê desses resultados. Ela nos mostra como este conceito é posto como algo deturpado até os dias atuais e por isso ele não se dá da maneira como deveria. Coloca-nos também a questão da natureza do processo de alfabetização, em que até hoje se privilegiam alguns métodos em detrimento de outros (por não saber o que realmente se quer trabalhar), o que

também contribui para os altos índices de reprovação. [...] O que nós, professores, temos de nos atentar é para a falta de fundamentação teórica em nosso fazer pedagógico. Precisamos saber que para mudar a realidade atual, diminuir e até mesmo sanar, a longo prazo, esse fracasso será necessário compreendermos que a alfabetização não é só o processo de ler e escrever, mas é saber interpretar o que se leu, é compreender as entrelinhas, é saber expor seus pensamentos (SOUZA, *et al.* S.d.).

O letramento que se opera de forma completa é aquele que permite não apenas o uso da escrita e o conhecimento da leitura, mas a possibilidade de utilização de práticas e de um sistema de símbolos e tecnologia de produção e reprodução para um contexto específico do seu uso.

Superar a barreira do analfabetismo é apenas um primeiro passo no letramento posto que o treinamento da interpretação de associação a outros conteúdos já apreendidos é a continuidade na prática leitora e de letramento.

Emergência de Novas Tecnologias e Metodologias para a População Adulta

A escrita ou a grafia é muito valorizada nas culturas conhecidas em todo o globo. Para além de haver uma valorização de seu uso ela tem toda uma mitologia pois é reconhecida como um repositório de saber legítimo em algumas sociedades, importantíssima para transmissão de saberes, sendo usada como arma de exercício de poder e legitimação em outras e ainda pode ser utilizada com o propósito de discriminação e de exclusão sendo assim muito democrática em seu uso.

Cada sujeito está inserido numa rede de diálogo onde a linguagem é ferramenta essencial para a comunicação, por meio da qual se mantém as atividades que favorecem a qualidade de vida de pessoas que estão em processo de envelhecimento.

A linguagem pode auxiliar a manutenção da saúde física e mental enquanto um exercício que pressupõe a prática de atividades produtivas.

Por isso, na sociedade contemporânea, o uso eficaz da leitura e da escrita em diferentes contextos sociais torna-se necessário para concretização de processos de integração sociocultural de toda e qualquer pessoa (Cabral, 2000; Freire, 2001). Dessa forma, a possibilidade de fazer uso da leitura e da escrita pode conceder ao idoso um lugar de sujeito e autor de sua história, expandindo sua qualidade de vida e garantindo-lhe autonomia (TORQUATO, MASSI E SANTANA, 2011).

Ela se vincula a individualidade do homem que a utiliza em todos os momentos de sua vida nos diversos contextos de interação social.

Além da manutenção ou fortalecimento das funções físicas e cognitivas, a pessoa que envelhece, para manter-se ativa e saudável, depende de efetiva inserção em atividades produtivas e do estabelecimento de relações interpessoais (Feitosa, 2001). As discussões em torno do processo de envelhecimento não podem e nem devem excluir os aspectos biológicos envolvidos, mas precisam considerar a relevante existência dos aspectos históricos, sociais e culturais nesse processo [...] O envelhecimento populacional implica nova orientação em termos de uma perspectiva acerca do papel desempenhado pelos idosos na sociedade atual. É preciso que a sociedade, de forma geral, repense com urgência as atitudes em relação ao idoso a fim de evitar que a velhice passe a constituir mais um problema social, uma vez que está comumente caracterizada como um dos momentos de improdutividade humana, dependência, incapacidade, isolamento e doença. E o mais agravante é que essa concepção distorcida de velhice está sendo incorporada pelos próprios idosos, submetidos a uma sociedade capitalista, que considera os velhos improdutivos (TORQUATO, MASSI e SANTANA, 2011).

Assim a manutenção de funções cognitivas impede a depressão e a incapacitação decorrente do isolamento caso a idade seja encarada como senilidade, muitas vezes como fruto da própria visão social imposta por uma sociedade capitalista.

A sociedade capitalista se encarrega de marginalizar pessoas adultas não letradas, condição que reduz a capacidade de atuação das pessoas diante da falta de respeito à sua representação social, independente de nível educacional.

Sendo o homem um ser social, é interessante a observação de Chassot (2006) quando comenta que as informações são importantes para a prática da cidadania, mas que devem ser transmitidas numa linguagem mais acessível, criando condições de entendê-las, sendo assim um instrumento de leitura da realidade e facilitadora da aquisição de uma visão crítica

Adultos tem uma reduzida oportunidade de aspectos metodológicos voltados exclusivamente para si. Alguns apresentam uma coordenação motora menor e/ou redução de capacidades visuais auditivas além da deterioração vocal. Não obstante, nenhum desses fatores deve ser incapacitante, já que todas as pessoas têm maior ou menor dificuldade em algum aspecto da saúde humana, além de vocação para determinadas atividades.

No caso da leitura, os estudiosos apontam que os sujeitos, que respondem em pesquisas sobre sua opção pela não escrita e não leitura justificam suas respostas no sentido de que não gostam ou não sabem como fazer o uso dessas atividades. Ocorre que muitas das relações dessas pessoas com as práticas leitoras e de escrita são marcadas por situações negativas que datam de sua escolarização ou experiências traumáticas de letramento que vivenciaram em algum ambiente escolar.

Algumas pessoas relatam não gostar de ler e escrever pois sofreram algum tipo de castigo se não se comportavam com o padrão esperado por professores rígidos em seus tempos escolares.

Diversos estudos demonstram que a leitura é importante para o estímulo cerebral sendo o hábito de ler um procedimento que afasta riscos de demência ou Alzheimer por exemplo, porque melhoram as sinapses neurais.

Um estudo realizado por Gonçalo Luiz de Melo e Adriana Rodrigues Domingues desde 2002, publicada no livro *Conversas e Memórias Narrativas do Envelhecer* verificou que os idosos de grupos comunitários de São Paulo participam contando histórias de maneira que possam repensar e relembrar suas trajetórias. Esse exercício de fala é reproduzido também em crônicas ou textos teatrais. Assim, com uma espécie de atividade amena e lúdica as pessoas idosas que participam do projeto vão reavaliando e conferindo novos significados as suas trajetórias de vida.

Adriana mapeou cuidadosamente os efeitos do que ela chama de “experiência comunitária” do grupo, e as transformações produzidas nas vidas de seus integrantes, em geral com histórico de muita pobreza e sacrifícios. Os encontros, marcados pela cumplicidade, produziam momentos de choro contido, mas também de muita alegria.

A autora colheu expressões e depoimentos emocionantes, como o da idosa-personagem, Marcolina: “Será que uma pessoa analfabeta pode escrever poesia? Porque tem tanta coisa que passa pela minha cabeça que eu queria escrever, mas não sei”. Ou de outra integrante, Dalvina: “Aqui neste Centro, virei gente de verdade”.

O resultado é material riquíssimo para reflexão. Ao revelá-lo, o livro pretende estimular a criação de outros grupos de idosos com proposta semelhante. E mostrar um caminho possível para uma vida mais plena aos 70, 80, 90 anos, em um País cuja população está envelhecendo rapidamente. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 7% dos brasileiros têm mais de 65 anos, porcentagem que deverá se elevar para 18% em 2050 (TERCEIRA IDADE CONECTADA, 2012).

Em outro projeto semelhante sigla denominado “Leitura Não Tem Idade” em parceria com grupos de terceira idade de todo o Brasil procede-se as atividades interativas de leitura e após respondem os alunos leitores a um questionário bem sucinto sobre a obra que acabaram de ler.

Faz-se uma discussão sobre o livro e dessa forma, se dá continuidade a leitura compartilhada com utilização de outras obras.

O projeto é aplicado em parceria com Grupos de Terceira Idade de todo o Brasil. Os participantes do projeto recebem um livro de Laé de Souza e, após a leitura preenchem um questionário sucinto.

A distribuição dos livros aos participantes e remessa dos questionários ao “Projetos de Leitura” serão coordenadas por um membro da entidade parceira que recebe um manual de orientações.

O grupo de Terceira Idade ou entidade deverá designar um responsável pelo monitoramento das atividades do projeto. O monitor será o responsável pelo recebimento e distribuição dos livros aos membros do grupo interessados em participar das atividades, bem como a remessa ao “Projetos de Leitura” dos questionários respondidos.

A proposta é que além da leitura, os textos sejam discutidos pelos componentes do grupo e que ocorra a continuidade de leitura compartilhada com outros livros (ENCONTRO COM O ESCRITOR, 2018).

Por outro lado, cada vez mais obras retratando as relações entre a leitura e seus benefícios para o público idade adulta, fruto de estudos científicos como livro para sempre Alice, em forma de romance escrito por uma Ph.D. em neurociência de Harvard Lisa Genova é apontado como uma importante obra para reflexão sobre a aceitação. A obra relata uma história de uma proeminente professora e pesquisadora de Harvard que é diagnosticada com Alzheimer aos 50 anos. A partir dessa descoberta a personagem passa a realizar pequenos exercícios e a proceder uma reavaliação de toda a sua vida prática e vivência readaptando pequenos gestos toques e ações para que recorde de quem é e de quem ama.

Marcelo Proust escreveu em busca do Tempo Perdido, um romance que é considerado como uma importante obra Sobre a civilização humana que em sete volumes relata suas memórias suas sensações de cheiros toque sons e paisagens que são capazes de promover uma reconstituição mental de sua vida.

A obra tem uma linguagem complexa que serve aos propósitos de quem deseja aprofundar-se no universo da leitura para ampliar o seu saber linguístico.

O processo de investimento não se subjaz ao substrato físico, mas o envelhecimento mental ocorre em parte pela falta de atividades que estimulem o desenvolvimento cognitivo mantendo uma rotina de revisão criação e produção de memórias.

Cada sujeito possui uma singularidade que foi exercitada em sua vivência social em diferentes locais tais como a escola a família ambiente de trabalho lazer etc. Isso interfere diretamente na qualidade de vida das pessoas com mais idade.

Deeg, Kardaun e Forzard (1996) defendem que existe uma relação entre boa saúde mental e comportamento na terceira idade. As estratégias comportamentais que os idosos utilizam podem determinar a diferença entre viver essa etapa da vida com qualidade ou sem ela. Portanto, o investimento na realização de atividades

cognitivas, como a leitura, pode melhorar a habilidade de reorganizar e regular as informações (OLIVEIRA, et al., 2007).

Quando a proposta de um exercício onde o adulto vai registrar suas memórias por meio de linguagem oral ou escrita, haverá uma revisitação dessas experiências e dos locais onde elas ocorreram. Essas narrativas que remetem a lembranças e ao reconhecimento de que tiveram uma vasta experiência e quanto aos episódios dolorosos, podem realizar um exercício de ressignificação e modificação da memória afetiva dessas experiências. É verdade que “encontrar alternativas ou até mesmo ressignificá-las e construí-las com base no contexto concreto de vivência do ensino demanda apropriação, elaboração de saberes, de fundamentos teórico-práticos” (BUSATO, 2005).

A escrita pode se tornar uma espécie de terapia para interação e reconhecimento de si e dos outros de forma que seus resultados podem abarcar desde uma reinserção familiar comunidade a sociedade em geral, com uma melhora das relações interpessoais (PROJETOS DE LEITURA, 2018).

A aprendizagem é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente. É uma incorporação. Implica não em uma memorização mecânica das sentenças, das palavras, das sílabas, desvinculadas de um universo existencial – coisas mortas ou semimortas – mas, uma atitude de criação e recriação. Implica numa auto formação da qual pode resultar uma postura atuante do homem sobre o seu contexto. (RODRIGUES, 1991, p. 53)

Para que se dê o processo de ensino-aprendizagem é necessário conhecer as estratégias cognitivas desenvolvidas pelos acadêmicos. Partir do conhecimento já produzido pelo sujeito da aprendizagem é o ponto essencial para orientar a ação pedagógica e nortear a produção de material didático.

Soares (*apud* Carvalho, 2005, p. 9) postula que:

Alfabetizar é ensinar crianças e adultos a ler, a conhecer os sons que as letras representam e, ao mesmo tempo, com a mesma ênfase, convidá-los a se tornarem leitores, a participarem da aventura do conhecimento implícita no ato de ler [...] uma pessoa alfabetizada conhece o código alfabético, domina as relações grafo fônicas.

Para Cagliari (1998), existem práticas sadias de aprendizagem, que nada têm a ver com cartilhas:

Em vez de começar o trabalho com letras e palavras escritas ortograficamente, pode-se mostrar aos acadêmicos que eles conseguem ler outros sistemas de escritas por exemplo: pictogramas usados de modo geral na sociedade moderna como indicações de toaletes, logotipos, marcas famosas, etiquetas, símbolos, etc., explicando que a essas formas gráficas se pode associar a uma palavra e que isso é ler no sentido mais técnico do termo. (CAGLIARI, 1998, p. 164)

A aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar que nunca parte do zero. Toda aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história. Atividade criadora é uma manifestação exclusiva do ser humano, pois só este tem a capacidade de criar algo novo a partir do que já existe. Através da memória, o homem pode imaginar situações futuras e formar outras imagens. Sendo assim, a ação criadora reside no fato da não-adaptação do ser, isto é, de não estar acomodado e conformado com uma situação, buscando através do imaginário e da fantasia, um equilíbrio, bem como a construção de algo novo.

Paulo Freire (1989, p. 19) afirma que:

[...] sempre vi a aprendizagem [...] como um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. Para mim seria impossível engajar-se num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a aprendizagem ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse enchendo com suas palavras as cabeças supostamente vazias dos alfabetizandos. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da aprendizagem tem, no alfabetizando, o seu sujeito [...] Como eu, o analfabeto é capaz de sentir a caneta [...] A aprendizagem é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. [...]. Aí tem [o alfabetizando] um momento de sua tarefa criadora.

Ensinar é mais que ensinar a associar sons e letras para produzir/interpretar palavras ou frases. Um adulto alfabetizado muitas vezes não é não é necessariamente um adulto letrado.

Aprendendo a Ensinar: Projeto de Leitura para Adultos

O projeto leitura vivendo histórias é um projeto de extensão voltado para as pessoas da terceira idade que atende cerca de 50 e 12 por edição, tem por objetivo propiciar a leitura para idosos. Por meio dessa prática buscam estimular e desenvolver as áreas intelectual moral e emocional das pessoas participantes do projeto que é realizado na Casa Lar do cego idoso em

Porto Alegre-RS. O projeto leitura vivendo histórias é um projeto de extensão voltado para os idosos que atende cerca de 50 e 12 por edição, tem por objetivo propiciar a leitura para idosos por meio dessa prática buscam estimular e desenvolver as áreas intelectual moral e emocional das pessoas participantes do projeto que é realizado na Casa Lar do Cego Idoso em Porto Alegre-RS (ESTADO DE SÃO PAULO, 2015).

Pensando em uma maneira de melhorar a leitura dos alunos, os professores da Sala de Leitura da E.E. José Antônio de Castilho, localizada em Nova Castilho, município de São Paulo, desenvolveram o projeto “Doutores da Alma”. A iniciativa, que acontece desde 2013, tem estimulado os alunos do Ensino Médio da unidade a desenvolver questões ligadas à solidariedade e respeito com os idosos. [...] Vestindo jaleco e com rosto pintado, os alunos visitam mensalmente à residência de integrantes da comunidade e asilos da região para ler poemas, poesias, reflexões e parábolas aos idosos, pessoas doentes ou que apresentam alguma deficiência física ou afetiva. “Nós pegamos um grupo de alunos para trabalhar. Eles escolhem as poesias nas aulas de arte e educação física”, conta Valdimar Mazero, coordenadora da unidade de ensino (ESTADO DE SÃO PAULO, 2015).

Atividade cognitiva precisa ser estimulada principalmente na terceira idade. Vários fatores influenciam nessa atividade e na habilidade de apreensão de conteúdos. Os quadros de doenças cardiovasculares e outras patologias interferem nessa capacidade. Há que se levar em consideração ainda o “contexto social em que vive o idoso” já que pesquisas constataam que a maioria dos idosos que têm boa atividade cognitiva mantém atividades cotidianas que exercitam o intelecto.

Envelhecer com qualidade pressupõe que a vida social esteja equilibrada entre limitações e potencialidades que cada um apresenta.

A qualidade da vida depende do envolvimento, de sua disposição e da compreensão que tem de sua vivência e competência social. Todas essas questões podem ser trabalhadas de forma que se busque uma atitude Positiva em relação a vida como a prática da leitura.

Essas atividades podem estar associadas a um grupo com maior afinidade aos temas de preferência de leitura.

No caso de idosos que estudam essas leituras estarão voltadas para as áreas de conhecimento científico, temático, complexo, técnicos, que promove uma interação social entre a pessoa mais idosa e os mais jovens que pertencem à mesma turma em cursos técnicos ou bacharelados.

O aumento do envelhecimento da população associado ao aumento da expectativa de vida e a queda na taxa de natalidade traz diversas preocupações para o futuro: desde a segurança alimentar as questões de aposentadoria e direito previdenciário.

Há uma diminuição da taxa de natalidade, a nível global, representada pelo número projetado de nascimentos por mulher, verifica-se que esta passou de três filhos em média nos anos 90 a dois filhos em média de 2010 a 2015 e será de dois filhos no intervalo dos anos 2095 a 2100, conforme ilustra a figura elaborada pela ONU.

A população jovem diminui e a população adulta aumenta. Consequentemente, demanda por serviços educacionais para essas pessoas será maior ao longo dos anos.

O reflexo da demanda por vagas implicará naturalmente na busca por adaptação dos processos de ensino aprendizagem praticados pelas instituições de ensino.

A respeito do aumento da população mundial, que em parte decorre da diminuição da expectativa de vida tem-se que os adultos e as pessoas na faixa da terceira idade irão obter aumento significativo, conforme mostra estudo das Nações Unidas intitulado: “World Population Prospects: The 2017 Revision”. O relatório identificou que as taxas de aumento da população se verificam em maior quantidade nos países mais pobres.

Tendo em vista o cenário de envelhecimento da população, o número de adultos cresce e é cada vez mais importante planejar a adoção de metodologias de ensino voltadas para adultos, especialmente as metodologias ativas, porque essas atendem melhor a esse tipo de público.

Dado o envelhecimento populacional mundial e no Brasil, novas formas de ensino da população adulta devem ser pensadas para que essas pessoas tenham possibilidades de continuidade de estudos. Adultos enfrentam maiores obstáculos para usufruto da educação, leitura e ciência.

Para que esse cenário se modifique é urgente a adoção de metodologias de ensino voltadas para esse público, especialmente as ativas, com estímulo às pessoas por toda as etapas de sua vida, de forma que se façam valer direitos que a Constituição Federal brasileira garante.

Os problemas decorrentes da falta de promoção pelo Estado, de acesso à educação

E [ao] desenvolvimento educacional que contribua para a diminuição dos preconceitos em relação a esta fase de vida, pois, na maioria das ocasiões... “rejeitam o próprio corpo, julgando-se feios e incapazes, mascarando o aspecto mais positivo que é o viver ou o estar corporalmente vivo” (SIMÕES, 1998, p. 64) e

também “a maioria se mostra desencantada por não saber gerenciar com prazer a existência sem uma ocupação profissional” (SALZEDAS e BRUNS, 1997, p. 16). Desse modo, há urgência de políticas sociais que, para Pinto (2008) são... ‘ações que garantam os direitos dos cidadãos’ (p. 43), e os direitos sociais como ‘direitos ao bem-estar econômico, à saúde, educação, aposentadoria, ao lazer, ou seja, bem-estar social previsto pela Constituição’ [...] (MORI e SILVA, 2010, p. 956).

Os serviços fornecidos à população adulta devem ser redirecionados e repensados no modo como tradicionalmente são oferecidos.

Uma proposta para esse segmento [adulto] deve estar baseada nos princípios andragógicos e nas concepções que fundamentam uma aprendizagem mais efetiva, tais como: aprendizagem significativa, desenvolvimento do domínio da linguagem, autoavaliação, desenvolvimento de competências e habilidades e tipologia dos objetivos educacionais (PETROSINO, 2016, p.3).

A idade adulta e a avançada não é por si um problema para a aprendizagem. A participação dos adultos no contexto histórico pré-industrial é considerada regular porque mesmo os adultos mais velhos continuavam a participar do contexto social enquanto na atualidade o aumento da expectativa de vida e da população adulta resulta em pessoas destituídas de ânimo de orientação e de informação.

As atividades são supervisionadas pela equipe de gestão da unidade de ensino e recebem suporte da coordenação da escola. “Eles atuam como ‘doutores da alma’ no sentido de difundir a magia da leitura para os adultos e idosos, afirma Giseli” (ESTADO DE SÃO PAULO, 2015).

Dessa forma se cria nova mentalidade em relação ao tratamento de pessoas com mais idade que já não consegue acompanhar as dinâmicas econômicas e industriais.

A substituição de atitudes como deixar os idosos a margem do trabalho e da inserção compulsória em aposentadoria pode favorecer a troca de experiências e a interação entre gerações nas mais diversas salas de aula de cursos variados (PINHEIRO, 2010).

O ensino possibilitará uma atuação profissional dessas pessoas que podem ter muito a contribuir com suas experiências.

Por sua vez, o conhecimento científico é um modelo cognitivo complexo que dificilmente está disponível aos mais pobres e excluídos. Ele se associa ao domínio intelectual de produções teóricas sem acessibilidade aos que não estão no meio científico. Ocorre que o conhecimento comum de pessoas que não tiveram nenhuma educação formal é de extrema importância não só como ferramenta local de compreensão do mundo, mas deve ser visto

como uma forma de produção de conhecimento científico, a partir das vivências populares ou ainda pela composição de um patrimônio cultural progressivamente descoberto e reconhecido.

Esses conhecimentos podem auxiliar nas atividades de pesquisa e desenvolvimento que são imprescindíveis para fundamentar teórica e metodologicamente novas descobertas que beneficiem a sociedade.

Por isso quanto à atividade de ensino e do processo andragógico é necessário uma docência aqui seja qualificada e voltada para essa atuação.

Mercadante, Goldfarb, Lodovici (2007, p.01) explicam que

[no] cursos de graduação são integradas diversas áreas teóricas do conhecimento com aplicação dirigida ao mercado de trabalho. Ao visar à vivência de uma cidadania efetiva, configura, dessa forma, um perfil profissional que se revele permanentemente criativo e dinâmico na busca de novos horizontes de atuação.

Uma pesquisa sobre acadêmicos na melhor idade revela que a inserção dos adultos no ambiente acadêmico traz um ganho significativo para essas pessoas. No que diz respeito a troca de experiências, segundo a reportagem, é revigorante. Conforme os relatos:

Para César, a experiência de lidar com colegas de classe mais novos cerca de 60 anos é revigorante. 'Conviver com a juventude deles me faz bem. Não tenho nenhuma dificuldade de estar com eles. Agora mesmo tem um colega de 22 anos estudando junto comigo na minha casa. Meu neto mais novo me dá até conselho para eu sair e aproveitar a vida com eles, ainda não estou nesse pique, mas quem sabe um dia', ressalta César (RODRIGUES, 2018).

Em 2017, uma pesquisa do Ministério da Educação revelou que o número de adultos com mais idade, no ensino superior teve um aumento de 40%, em relação a 2016 (CANTAREIRA, 2018).

Segundo o Ministério da Educação houve um aumento de 40% do número de idosos que ingressaram em um curso superior nos últimos dois anos. O ensino a distância por sua facilidade diante da desnecessidade de deslocamento físico para acessar um curso superior tem sido um atrativo para quem tem facilidade em lidar com a tecnologia (TERCEIRA IDADE, 2018).

Além de uma boa colocação no mercado o que motiva os aposentados a ingressarem no ensino superior é a realização de uma conquista pessoal ou de um sonho de sua adolescência.

O relato abaixo demonstra a experiência de uma aluna que pode realizar o sonho de estudar:

Eunice também representa bem o espírito de renovação dos idosos. Ela já está quase se formando em Administração e conta que guardou por 40 anos seu desejo de voltar a estudar. “Nem eu acreditava mais que eu ia dar conta. Já fiz vários cursos tecnológicos, de contábeis, magistério, secretariado. Mas estava parada há 40 anos. E assim que me sobrou um pouco de tempo e de dinheiro dei início ao meu sonho de me fazer uma faculdade”, afirma (RODRIGUES, 2018).

Muitos dos que hoje são adultos na faixa da terceira idade foram alunos que precisaram abandonar os estudos seja em razão de necessidades econômicas ou sociais como o casamento.

É comum, ao chegarem à terceira idade, muitas pessoas constatarem que levaram uma vida em que, para atender às necessidades financeiras, profissionais e familiares, deixaram de lado seus interesses pessoais verdadeiros. Entretanto, isso não significa que elas não possam ainda sair em busca de realizar seus ideais e a aposentadoria, com a disponibilidade que esse período costuma ter, pode ser o tempo ideal para isso (ECONOMIA DIA A DIA, 2018).

O ingresso no ensino superior atrai tanto homens quanto mulheres nessa faixa de idade. Para além da questão de uma realização o conquista pessoal outros motivos ensejadores da Procura pelo ensino superior na terceira idade são, em primeiro lugar a possibilidade de adquirir novos conhecimentos.

Na fase da idade mais avançada não há uma pressão por obtenção de resultados nem da família nem social e a grande maioria das pessoas não está tampouco procurando um emprego ou evolução em sua carreira profissional de modo que estudar se torna uma forma de interagir, de expandir conhecimento, de recuperar o tempo de escola outrora perdido, e de inteirar-se do que acontece no mundo.

Estudar também uma forma de participar ativamente nos rumos da sociedade e da própria ciência. A qualidade de vida do idoso pressupõe que ele se sinta pertencente e esteja inserido também em grupos sociais se conectando de forma interativa com as pessoas e com o meio.

Eunice diz que tem a cabeça jovem e afirma não gostar das atividades voltadas para idosos. Ela conta que recomenda para as amigas de sua faixa etária que façam faculdade. ‘Eu amo a minha faculdade e meus colegas. Para mim é um remédio, minhas amigas todas têm dor em todos os lugares, já eu não sinto nada. Falo para elas não procurarem esses negócios de terceira idade, eu não gosto, sou jovem para isso’, brinca a idosa. (RODRIGUES, 2018).

A vida acadêmica de forma presencial ou à distância contribui para a expansão da pesquisa para a produção científica para as discussões, novas descobertas e relatos de experiências.

Novas habilidades são adquiridas e novos interesses são despertados. Embora não seja o objeto principal, pode gerar uma fonte de renda extra, pois nada impede que os idosos continuem trabalhando elaborando estudos científicos técnicos que contribui social e economicamente em diversas áreas de atuação. Por exemplo um desses estudantes pode resolver abrir uma empresa e dar empregos aos mais jovens ensinando-lhes as experiências e as técnicas aquela atividade ali desenvolvida.

A pessoa se sente produtiva e pode contar com uma renda adicional decorrente de sua nova oportunidade de trabalho ou da melhoria daquela já existente.

As oportunidades são muitas, entre elas fazer trabalhos por conta própria: produzir conteúdo, oferecer consultorias, lecionar. Muitas vezes, além da chance de aumentar os rendimentos, é possível até mesmo descobrir uma nova vocação.

Considerações Finais

A leitura é uma competência, uma forma de empoderamento do ser humano e uma habilidade fundamental no processo de comunicação. Essa complexa atividade permite ao leitor interagir com o texto, realizando sua interpretação e ampliando esses saberes ao mundo.

No processo de leitura, são construídas representações significativas dos assuntos, por meio da interação do conhecimento linguístico e conceitual fornecidos pelo texto.

Ler é uma atividade solitária e requer que o leitor tenha mecanismos próprios em busca do significado. Ela se desdobra em sub-habilidades e estratégias. No processo andragógico, a leitura se desenvolve de forma orientada, tendo apenas o facilitador do processo ensino-aprendizagem.

Ser capaz de ler permite uma maior abertura à representação social, que nada mais é do que a formulação do autoconhecimento e de como aquela subjetividade se firma no ambiente social. Assim, a habilidade da leitura científica, especialmente exigida no ensino superior é um desafio a ser alcançado.

A leitura científica pressupõe a existência de uma capacidade de interpretar o que se

lê e se escreve dentro de uma perspectiva sociocultural do meio onde vive. Essa interpretação funcional é que fará a diferença, claro que dentro do contexto social do indivíduo. Essas ferramentas podem revolucionar o processo andragógico e o ensino superior no país, gerando a melhoria dos índices de cidadania, reivindicação social e níveis culturais que fazem avançar a sociedade como um todo.

O processo andragógico facilita que cada vez mais novas ferramentas auxiliares sejam desenvolvidas nesse processo.

Referências

BUSATO, Z. S. L., **Avaliação nas práticas de ensino e estágios**. A importância dos registros na reflexão sobre a ação docente. Porto Alegre: Mediação, 2005.

CARVALHO, Jair Antonio de *ET al.* Andragogia: considerações sobre a aprendizagem do adulto. REMPEC - **Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente**. Ensino, Saúde e Ambiente, v. 3 n. 1 p. 78-90. Abril 2010.

ENCONTRO COM O ESCRITOR. **Leitura não tem idade**. 2018. Disponível em: <<http://www.encontrocomoescritor.com.br/leituranootemidade.php>>. Acesso em 25.11.2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

LURIA, Alexander R. O Desenvolvimento da Escrita na Criança. In: VIGOTSKII, L.; LURIA, A.; LEONTIEV, A. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998, pp.143-190.

MARTINS NETO, Irando Alves. **Estratégias de leitura**: relações entre as concepções do material linguagens, códigos e suas tecnologias: Língua Portuguesa e a prática docente. Dissertação de mestrado. Presidente Prudente – SP: UNESP, 2015.

OLIVEIRA, Ari Batista de. **Andragogia**. 2018. Disponível em: <www.diocese-braga.pt/catequese/sim/biblioteca/publicacoes_online/200/ANDRAGOGIA.pdf>. Acesso em 14.11.2018.

OLIVEIRA, Gilberto Gonçalves de. **Andragogia e aprendizagem na modalidade de educação a distância - contribuições da neurociência**. Anais de Congresso. Uberaba: UNIUBE, 2009. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2009/CD/trabalhos/1552009234017.pdf>>. Acesso em 13.11.2018.

OLIVEIRA, Katya Luciane de. Atitudes de leitura e desesperança em idosos. **Paidéia** (Ribeirão Preto) vol.17 no.37, May/Aug. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000200008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 20.09.2018.

OLIVEIRA, Rosane Machado de. Dificuldade no desenvolvimento da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista científica multidisciplinar núcleo do conhecimento**. Ano 2 Volume 15 página 163 -188. Fev 2017.

PETROSINO, Solange. O novo professor da EJA. In O novo professor da EJA. Anexo 4. Pressupostos Andragógicos da aprendizagem do adulto. **Formação em ação**. Anexo 4. 2016. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/formacao_acao/2semestre2016/fa_de_ja_anexo4.pdf>. Acesso em 01.10.2018.

PROJETOS DE LEITURA. **Leitura não tem idade**. Disponível em: <<http://www.projetosdeleitura.com.br/leituranootemidade.php>>. Acesso em 08.09.2018.

RODRIGUES, Cecília Rodrigues. Melhor idade: idosos entram na faculdade e aliam educação e qualidade de vida. **Portal27**. 2018. Disponível em: <<https://www.portal27.com.br/melhor-idade-idosos-entram-na-faculdade-e-aliam-educacao-e-qualidade-de-vida/>>. Acesso em 01.10.2018.

SANTOS, Adileide Maria Martins. A compreensão leitora no teste toefl itp: reflexões sobre possível efeitos retroativos a parti de uso das estratégias de leitura por candidatos em Porto Velho. Dissertação de Mestrado. Porto Velho: Unir, 2016.

SHIMAZAKI, Elsa Midori. **Letramento em jovens e adultos com deficiência mental**. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SILVOLELLA, Maria Filomena Ferme. **A leitura no processo de apreendizagem em língua estrangeira no ensino médio**. Especialização. Rio de Janeiro: UCAM, 2005.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2^a ed. 2^a impr. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TERCEIRA IDADE CONECTADA. **Livro "Conversas e memórias - narrativas do envelhecer"**. 2012. Disponível em: <<https://terceiridadeconectada.com/livro-conversas-e-memorias-narrativas-do-envelhecer/>>. Acesso em 25.11.2018.

TORQUATO, Rebeca; MASSI, Giselle, e SANTANA, Ana Paula. Envelhecimento e letramento: a leitura e a escrita na perspectiva de pessoas com mais de 60 anos de idade. **Psicol. Reflex. Crit.** vol.24 no.1 Porto Alegre, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **A Construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. [1934] 2001.